

**A EDUCAÇÃO NO ALVORECER DA MODERNIDADE: “O PROJETO PEDAGÓGICO” DE ERASMO DE ROTTERDAM**

**EDUCATION AT THE DAWN OF MODERNITY: THE PEDAGOGICAL PROJECT OF ERASM ROTTERDAM**

**LA EDUCACIÓN EN LOS ALBORES DE LA MODERNIDAD: “EL PROYECTO PEDAGÓGICO” DE ERASMO DE ROTTERDAM**

**Marcelo Felício Martins Pinto<sup>1</sup>**  
**José Rubens Lima Jardimino<sup>2</sup>**

**Resumo**

Este artigo tem como objetivo compreender as concepções do humanista Erasmo de Rotterdam sobre a educação das crianças, partindo da análise de duas importantes obras: *De Pueris* (“Dos Meninos”) e *De Civilitate Morum Puerilium* (“A Civilidade Pueril”). O enfoque recai sobre as elaborações do autor quanto à importância da instrução infantil para a formação do homem moderno, civilizado, racional e sobre os métodos educativos erasmianos que deveriam ser empregados por pais e preceptores nesse processo. Busca-se, ainda, entender como a disciplina corporal, na visão de Erasmo, contribuiria para o sucesso desse projeto pedagógico, que almejava a constituição de uma nova humanidade.

**Palavras-chave:** Educação e humanismo; Educação e modernidade; Projeto Pedagógico; Corpo e Educação.

**Abstract**

This article aims to understand the views of the humanist Erasmus of Rotterdam on the education of children. To this end, this text starts from the analysis of two important educational works by the referred philosopher, *De Pueris* (The Boys) and *De Civilitate Morum Puerilium* (“The Pueril Civility”). It aims to discuss the importance given by the author to children's education for the formation of modern, civilized, rational man; the Erasmus educational methods that should be used by parents and preceptors in this venture, and finally, to understand how corporal discipline, in Erasmus's view, would contribute to the success of this pedagogical project, which aimed at the constitution of a new humanity.

**Keywords:** Education and humanism; Education and modernity; Pedagogical project; Body and Education.

**Resumen**

Este artículo tiene como objetivo comprender las opiniones del humanista Erasmo de Rotterdam sobre la educación de los niños a partir del análisis de dos de sus obras: *De Pueris* (Los Niños) y *De Civilitate Morum Puerilium* (“A Civilidade Pueril”). El foco del análisis está en las elaboraciones del autor sobre la importancia de la educación de los niños para la formación del hombre moderno, civilizado, racional, y, en los métodos educativos erasmistas que deben utilizar los padres y preceptores en este proceso.

<sup>1</sup> Doutorando e Mestre em Educação pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Professor de História na Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4487-2826>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9532635006120062>. E-mail: [feliciomartins@hotmail.com](mailto:feliciomartins@hotmail.com)

<sup>2</sup> Doutor em Ciências Sociais com pós-doutorado em História. Professor da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Bolsista de Produtividade em Pesquisa–CNPq. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2394-9465>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3553193188710422>. E-mail: [jrjardilino@ufop.edu.br](mailto:jrjardilino@ufop.edu.br)

También se busca comprender cómo la “disciplina corporal”, en la opinión de Erasmo, contribuiría al éxito de este proyecto pedagógico, que anhelaba la constitución de una nueva humanidad.

**Palabras clave:** Educación y humanismo; Educación y modernidad; Proyecto Pedagógico; Cuerpo y educación.

## Introdução

Ao final da Idade Média e no início da Modernidade, a Europa passava por grandes transformações sociais, políticas, econômicas e culturais. Esse quadro, aliado ao aumento demográfico, fruto do desenvolvimento de novas técnicas agrícolas, fez com que a sociedade européia deixasse, gradativamente, os campos, rumo às cidades. Como consequência, assistiu-se ao crescimento dos centros urbanos, ao avanço do comércio e ao fortalecimento da burguesia. Ao mesmo tempo, o homem modificava sua visão acerca de si mesmo e do mundo, percebendo-se como elemento central das artes e do conhecimento, e, nesse contexto, como um agente transformador da realidade. Dessa maneira, o Humanismo renascentista tornou-se um marco no cenário cultural ocidental da modernidade, buscando desconstruir grande parte dos preceitos cristãos católicos em voga na Idade Média, afastando-se, sobretudo, do teocentrismo medieval.

Por força dessa configuração, o holandês Erasmo de Rotterdam desenvolveu suas concepções sobre a educação das crianças, visando forjar o novo homem para essa nova civilização. Enfatizou, assim, a importância de educar o indivíduo desde o início de sua vida, instruindo-o no caminho da razão e da temperança. Apenas desse modo, segundo o filósofo, o ser humano seria capaz de abandonar seu estágio primitivo, próximo da bestialidade, e caminhar em direção à sua evolução até atingir a completa humanidade. Erasmo concebia, assim, o homem como sujeito de sua própria trajetória, ao mesmo tempo em que o percebia como criatura essencialmente virtuosa e propensa ao bem, desde que devidamente educada.

O presente artigo dialoga com alguns dos trabalhos desenvolvidos sobre o tema no Brasil, entre os quais destacam-se as pesquisas realizadas por Fabrina Magalhães Pinto (2009), Sidnei Francisco do Nascimento (2007; 2015) e César de Alencar Arnaut de Toledo (2004) que analisam diversas obras escritas por Erasmo de Rotterdam ao longo do século XVI. Esses autores buscaram compreender alguns pontos centrais referentes às concepções educacionais erasmianas, imersas no contexto do crescimento das cidades, da disseminação dos ideais do Humanismo e da Reforma Protestante, que

tentavam distanciarem-se dos paradigmas educativos em voga durante o período medieval.

Assim, o presente texto tem como objetivo analisar o projeto pedagógico erasmiano (ou do Humanismo), exposto em duas de suas importantes obras produzidas na primeira metade do século XVI: *De Pueris De pueris statim ac liberaliter instituendis libellus*<sup>3</sup> (“Dos Meninos”) e *De Civilitate Morum Puerilium* (“A Civildade Pueril”). Almeja-se, assim, compreender as perspectivas adotadas por Erasmo quanto à educação das crianças, à luz das concepções humanistas, examinando-se os métodos defendidos pelo filósofo para transformar os educandos em seres ponderados e intelectualmente autônomos e racionais. Para desenvolver esse projeto, a educação erasmiana ansiava responder à seguinte questão: como formar um homem moderno, com controle de seus instintos, livre dos grilhões religiosos, e, ao mesmo tempo, como moldar o sujeito no sentido de ele cultivar sua própria liberdade?

### Notas sobre o Humanismo

Se outrora, ao longo da era medieval, a maior parte da população habitava o meio rural, a partir de meados da Idade Média, as cidades europeias começaram a crescer e o cenário urbano passou a ganhar cada vez mais importância<sup>4</sup>. Ao mesmo tempo, de acordo com Jacques Le Goff (2005), esses centros fomentaram a renovação comercial, a expansão da economia monetária<sup>5</sup> e o fortalecimento da burguesia. Para Fernand Braudel (1996), essa ascensão da vida urbana, sobretudo a partir do século XIII, esteve relacionada com o aumento da produção agrícola, propiciado pelo desenvolvimento de novas técnicas de plantio, com o crescimento demográfico, com o renascimento do comércio e com o crescimento da produção artesanal. Foram esses os

<sup>3</sup> A partir daqui utilizar-se-á apenas o termo abreviado *De Pueris*.

<sup>4</sup> Segundo Hilário Franco Júnior (2001), “enquanto por volta do ano 1000 talvez não existisse na Europa católica nenhuma cidade com uma população de 10.000 habitantes, no século XIII havia 55 cidades com um número de habitantes superior àquele: duas na Inglaterra, seis na Península Ibérica, oito na Alemanha, 18 na França e Países Baixos, 21 na Itália [...]. Contudo, é importante lembrar, a Cristandade ocidental continuava a ser essencialmente rural, já que no século XIII não mais de 20% de sua população total vivia em centros urbanos” (Franco Júnior, 2001, p. 27).

<sup>5</sup> Para Jacques Le Goff, “as cidades desempenham também o papel de centros de troca [...]. Nos séculos 12 e 13 as feiras de Champanhe constituíram o principal centro comercial. Portos e cidades da Itália e do norte da Alemanha então emergiam” (Le Goff, 2005, p. 73).

fatores fundamentais “para que se criasse em todo o espaço europeu uma rede urbana, uma superestrutura urbana, ligações de cidade com cidade envolvendo as atividades subjacentes” (Braudel, 1996, p. 82).

No plano artístico e filosófico, no contexto de expansão dos centros urbanos e da burguesia, o Renascimento e o Humanismo constituíram-se como movimentos que buscaram transformar a cultura ocidental. Inspirando-se nas obras greco-romanas clássicas, artistas e filósofos humanistas concebiam o ser humano como agente com potencialidades para a produção do conhecimento, que se realizariam por intermédio da experiência e da razão. Valorizavam o indivíduo, numa perspectiva antropocêntrica, e criticavam as hierarquias da Igreja Católica, o que também contribuiu para a formação e para a disseminação das ideias protestantes<sup>6</sup>. Tentavam se afastar, assim, de parte das teorias teocêntricas de outrora, embora ainda fundamentassem suas ideias nos preceitos cristãos<sup>7</sup>. É nesse sentido que Delumeau (1989, p. 79) afirma ter sido o Humanismo “muito mais religioso que se afirmou durante muito tempo [...]; no conjunto, os humanistas foram espíritos religiosos, mas independentes”.

Para Carlota Boto (2007), esses intelectuais e artistas colocaram em prática um projeto civilizador, no sentido de tentar universalizar características próprias da aristocracia europeia por meio da educação, visando à formação do homem moderno. Esse intento vai ao encontro, dessa forma, às ideias contidas nas obras de diversos teóricos humanistas, como é o caso dos escritos de Erasmo de Rotterdam (s/d), que visavam moldar os indivíduos, tendo em mente um modelo civilizacional próprio das elites. Assim, “os próprios discursos sobre educação no Humanismo pretendiam configurar-se como empreendimentos civilizadores: aquilo que fará diferença de classe social; ao mesmo tempo em que pretende possuir validade universal” (Boto, 2007, p. 18-19).

Conforme constata a literatura, a educação humanista surgiu nas universidades europeias, que, por época do Renascimento, ainda eram fortemente influenciadas pelos dogmas da Igreja Católica. Opunha-se, assim, ao *trivium*, fundamentado no ensino do Direito, da Medicina e da Teologia, e que visava “propagar o ideal hierárquico da igreja,

---

<sup>6</sup> Sobre a repercussão das ideias protestantes da Reforma na Europa seiscentista, ver o contexto da Reforma Protestante em Jardimino (2009; 2011).

sua visão dogmática de conhecimento e uma postura puramente contemplativa do homem e da natureza” (Danelon; Oliveira; Richter, 2012, p. 159). Nesse sentido, os humanistas defendiam uma ampliação da educação, propondo o ensino de poesia, Filosofia, História, Matemática, Retórica e Artes, bem como das línguas clássicas, sobretudo o grego e o latim<sup>8</sup>. Nesse processo, a razão, a liberdade e a autonomia do sujeito eram exaltadas, e, desse modo, “o homem deixa de ser passivo e contemplativo para ser ativo e transformador em suas ações” (Danelon; Oliveira; Richter, 2012, p. 159).

Relativamente a essa nova perspectiva de mundo, ressalta-se a importância, própria do Humanismo, do advento das Grandes Navegações. O pensamento humanista desencadeou grandes mudanças nas concepções européias sobre o mundo, ao mesmo tempo em que se tornava imprescindível ao homem moderno conhecer “mares nunca dantes navegados”, bem como compreender o seu lugar. Além disso, segundo Jean Delumeau (1994), muitos conhecimentos geográficos foram recuperados pelos navegadores da modernidade acerca dos antigos escritos gregos, o que impulsionou o movimento das Grandes Navegações. Assim,

[...] o regresso ao passado provocou um enorme salto em frente. Os Gregos, desde a escola pitagórica e, depois, com Aristóteles, já tinham afirmado que a Terra era esférica. Uma grande parte da Idade Média acreditava, pelo contrário, que a Terra era um disco plano [...]. Erastóstenes (276-194 a.C.) forneceu uma medida extraordinariamente exata (39.690 km) da circunferência terrestre no Equador (Delumeau, 1994, p. 45).

Delumeau (1989; 1994) e Jardimino (2009) constataam a importância do Humanismo para a constituição das ideias reformadas protestantes do século XVI. Por meio dos estudos linguísticos, os humanistas buscaram trazer clareza aos escritos

---

<sup>8</sup> Lutero animado com o avanço do humanismo, com o progresso das artes gráficas e a cultura do livro que se instalava, o humanista aconselha que as municipalidades criassem suas bibliotecas públicas, ideário pouco defendida à época, pois as bibliotecas estavam nos mosteiros ou nas universidades. No que pesa o ânimo para a divulgação da cultura do livro, seu currículo continha certas restrições. “*Meu conselho, porém, não é que se junte toda sorte de livro indiscriminadamente. Eu iria fazer uma seleção: Em primeiro lugar deveria figurar as Sagradas Escrituras em Latin, Grego Hebraico Latim e Alemão [...]. Depois livros úteis para aprender as línguas, por exemplo os poetas e oradores, sem perguntar se são gentios ou cristãos, gregos ou latinos [...]. Depois devem vir os livros liberais (aritmética, música, geometria e astronomia) e outras disciplinas. Por últimos também livros jurídico e de medicina [...] deveriam constar também as crônicas e compêndios de História em qualquer língua que seja. Pois estes são, maravilhosamente úteis para entender o curso do mundo e governá-lo, mas também para enxergar os milagres e obras de Deus*”. Lutero, OSeI, v.5, p.324 apud Jardimino (2009) *op.cit*, p. 69, 70.

sagrados para, assim, “purificar a linguagem pela qual é transmitida a Palavra Eterna, desembaraçar a Escritura de suas imperfeições e apresentá-la sob uma nova luz” (Delumeau, 1989, p. 78-79). Ao mesmo tempo, nas universidades europeias, a concepção acadêmica humanista pleiteava uma reforma no interior da Igreja Católica, sem que houvesse, porém, o anseio pelo cisma que caracterizou o reformismo protestante posteriormente. Assim, a “via moderna buscava, por meio das sutilezas e da precisão das definições acadêmicas da teologia cristã, reformar ‘intramuros’ a Igreja” (Jardilino, 2009, p. 24).

Segundo Delumeau (1989), a concepção humanista, embora levasse em consideração o pecado original, demonstrava maior otimismo ao considerar o potencial do ser humano em evoluir racional e espiritualmente. Nesse sentido, refutava o “caminho do desespero”, defendido pelos reformadores, como Martinho Lutero, que insistiam em reafirmar as mazelas humanas e a queda do homem no início dos tempos, sustentando a salvação da alma por meio da fé. Os humanistas, desse modo, “não negavam o pecado original, mas, em geral, não insistiam nele” (Delumeau, 1989, p. 80). Assim, se os humanistas, como Erasmo de Rotterdam, acreditavam que o ser humano poderia elevar-se por meio da educação, permanecendo livre em relação às instituições religiosas, os protestantes, como Martinho Lutero, pregavam também a necessidade de instruir os indivíduos, numa perspectiva em que a liberdade humana<sup>9</sup> deveria ser limitada e sempre submetida à vontade divina.

Ao mesmo tempo, o Humanismo almejava limpar as impurezas que obscureciam a doutrina cristã, tais como os numerosos dogmas católicos, a excessiva hierarquização clerical e a deficiente instrução do clero sobre as Sagradas Escrituras. Isso precisaria ser feito em prol de uma maior aproximação com a simplicidade da Igreja primitiva, na qual o indivíduo deveria “procurar e achar a paz de espírito na imitação de Jesus Cristo” (Delumeau, 1989, p. 81). Dessa maneira, o Humanismo “preparou a Reforma de dois modos: contribuiu para aquele regresso à Bíblia que era uma das aspirações da época;

---

<sup>9</sup> Esse é o debate que se destaca na correspondência entre Erasmo e Lutero. A discussão levou ambos a antagonismos quanto à compreensão do “livre-arbítrio”, tema imprescindível para compreender a modernidade e, em especial, a quebra paradigmática na cosmovisão que se instalava na greta entre medieval e moderno. Os dois pensadores almejavam uma reforma da Igreja, mas o livre-arbítrio vai tornar-se o pomo da discórdia, que culminou na ruptura entre os dois humanistas. Erasmo publica em 1524 “*De Libero Arbitrio*”, e Lutero, em 1525, a resposta aos argumentos de Erasmo, em “*De Servo Arbitrio*”. Para uma leitura desse debate conf. L. FEBVRE (2012).

chamou a atenção para a religião interior, reduzindo a importância da hierarquia, do culto dos santos e das cerimônias, ao mesmo tempo” (Delumeau, 1989, p. 82).

Imerso nesse contexto de grandes transformações, um dos principais nomes do Humanismo, considerado na crônica histórica como “príncipe do humanismo”, Erasmo de Rotterdam percebeu a importância de se moldar o homem para a nova sociedade europeia, moderna e, ao mesmo tempo, cristã. Apesar de o cisma da Reforma Protestante ter provocado fissuras no edifício da religiosidade medieval, jamais o abalaram os anseios da cristandade ocidental. Debruçou-se, assim, sobre o tema da educação, preocupando-se em construir um novo projeto pedagógico para uma nova civilização que se forjava no alvorecer da Era Moderna.

Erasmo nasceu na Holanda em 1469. Após a morte dos pais, foi criado por um tutor. Em 1488, tornou-se membro da Ordem dos Agostinianos, ordenando-se padre em 1492. Filósofo, professor, teólogo e conselheiro real, simpatizou com os movimentos das Reformas Protestantes e criticou os dogmas e o caráter hierárquico da Igreja Católica, embora nunca tenha rompido de fato com o Catolicismo<sup>10</sup>.

Em suas obras<sup>11</sup> *De pueris* (“Dos Meninos”) [1529] e *De Civilitate Morum Puerilium* (“A Civilidade Pueril”) [1530], direcionadas aos pais e às crianças, respectivamente, Erasmo buscou elaborar um projeto pedagógico de cunho aristocrático que defendesse a educação como o caminho para a elevação moral do indivíduo e, ao mesmo tempo, adequasse os comportamentos dos sujeitos à nova sociedade moderna. Erasmo, em sua perspectiva humanista, acreditava que “o homem não nasce acabado e, sim, incompleto. Ele só se aperfeiçoa pela educação”. Desse modo, o ser humano, apenas por meio da aprendizagem e da experiência, conseguiria alcançar sua plenitude. Para Erasmo, portanto, a educação “tem por objetivo último desenvolver a razão, que é

---

<sup>10</sup> Esses flertes com as ideias da Reforma Protestante estão expressos na correspondência que manteve com Lutero. Cf. Jardimino, 2009 *op. cit.*, p.35-37.

<sup>11</sup> *De pueris statim ac liberaliter instituendis libellus*, obra publicada em 1529, na tradução em português divide-se em oito capítulos, a saber: “Nunca é cedo demais para iniciar o processo educacional”, “As trilhas da aprendizagem”, “Natureza e vocação”, “Os agentes na educação”, “A antipedagogia do castigo”, “O perfil do educador”, “O programa de ensino” e “A utilidade da educação precoce”. Por sua vez, *De Civilitate Morum Puerilium*, editada e publicada pelo humanista suíço Johann Froben (*Frobenius*) em 1530, divide-se em sete capítulos: “Atitudes corretas e incorretas”, “A elegância dos trajes”, “De como se portar na Igreja”, “Os banquetes e as refeições”, “Os encontros e conversas”, “Os esportes” e “No leito”.

pré-requisito para o convívio coletivo na civilização” (Danelon; Oliveira; Richter, 2012, p. 162).

Moldar o ser humano segundo a Razão ocidental moderna tornava-se, nesse sentido, imprescindível, sobretudo tendo em vista as transformações vivenciadas pelas sociedades europeias nesse período. Segundo Erasmo de Rotterdam, tal processo deveria ter início ainda na primeira infância, pois nessa fase da vida o indivíduo ainda encontrar-se-ia desprovido dos vícios presentes nos adultos, elementos que constituir-se-iam como grandes obstáculos à educação e, como consequência, à construção da civilização. Essa perspectiva orientou a concepção das referidas obras, que serão analisadas a seguir.

### **O projeto de educação erasmiano: a criança como um vir a ser**

Publicado em 1529, *De Pueris* contém preceitos erasmianos importantes sobre a educação, que vão ao encontro das concepções humanistas de sua época. Erasmo considerava o homem como um ente a ser transformado para evoluir em direção da consolidação de sua humanidade por meio da razão. A instrução, desse modo, desde a infância, deveria permitir ao indivíduo desenvolver suas potencialidades inatas para contribuir com a construção da sociedade moderna.

Em *De Pueris*, o filósofo defendia que a educação da criança deveria iniciar desde a mais tenra idade, uma vez que ela estaria, ainda, destituída de vícios e, por isso, mais propensa a ser moldada. Afirmava, nesse sentido, que a criança estava apta a ser educada desde o nascimento, pois seria ainda uma “massa informe”. Para ele, seria dever dos pais “moldar até a perfeição, em todos os detalhes, aquela matéria flexível e maleável” (Rotterdam, s/d, p. 40). Sobre esse aspecto, Erasmo orientou: “manuseia a cera enquanto mole. Modela a argila enquanto úmida. Enche o vaso de bons licores enquanto novo. Tinge a lã quando sai nívea do pisoeiro e ainda isenta de manchas” (Rotterdam, s/d, p. 40).

Erasmo acreditava que a aprendizagem acontecia por meio de dois importantes elementos: a memorização e a imitação. Segundo o filósofo, baseando-se nos escritos de Plutarco e Quintiliano, esses recursos já estariam disponíveis para a criança desde o nascimento, uma vez que ela “possui pendor espontâneo para a imitação. Memória, e

por sinal, fidelíssima, os sábios reconheceram-na como peculiaridade infantil” (Rotterdam, s/d, p. 75). Desse modo, segundo Boto (2007, p. 25), “não seria por outra razão - segundo constata Erasmo - que os adultos costumam se recordar com mais vivacidade de fatos ocorridos na infância do que de coisas recentemente ocorridas”. Em outro ponto da obra, Erasmo afirmou que “a natureza prendou a criança de todo gosto pela imitação de tal sorte que tudo quanto ela vê e escuta, tenta, em seguida, reproduzir, comprazendo-se no sucesso” (Rotterdam, s/d, p. 69).

A memorização e a imitação seriam, para as teorias humanistas, importantes para o efetivo aprendizado, sobretudo no que diz respeito às línguas, imprescindíveis para que o indivíduo conquistasse sua autonomia intelectual. Nesse sentido, Erasmo afirmou em seu projeto pedagógico que “a primeira coisa é a aprendizagem da língua que, aliás, a criança capta sem esforço, ao passo que os adultos mal e a duras penas dominam” (Rotterdam, s/d, p. 107). Segundo o teórico, a criança estaria apta a aprender a ler e a escrever logo no início de sua vida, uma vez que “desde nascido, o homem vem aparelhado para captar os ensinamentos sobre os bons costumes. Apenas aprende a falar e está hábil para ser iniciado no aprendizado das letras” (Rotterdam, s/d, p. 69). Para isso, o educador deveria utilizar como ferramentas na instrução infantil fábulas e poemas da literatura clássica, que ensinassem às crianças, além da leitura, elementos da Filosofia. Para Erasmo:

[...] a narração provoca risada, mas, de permeio, vai sendo ensinado à criança algo sólido em filosofia moral, a saber, quem abandona o uso da reta razão, deixando-se raptar pelo afeto desordenado, já não é humano e, sim, animal [...]. Enquanto veicula alguma lição ética, ela toca as pessoas simples e crianças. Destarte, os conteúdos da filosofia vão sendo assimilados por meio da descontração pedagógica (Rotterdam, s/d, p. 108).

Para Erasmo, nada era mais condenável que pais negligenciassem a educação de seus filhos, preocupando-se estritamente com os bens materiais: “como não ver um comportamento perverso e contraditório naqueles que se empenham, com muito afã, no cultivo de lavouras, na edificação de casas [...], mas ocupam-se, muito de leve, em instruir e educar os próprios filhos” (Rotterdam, s/d, p. 27-28). Segundo o autor, omitir-se na educação das crianças significava contribuir para que elas nunca se

transformassem, de fato, em seres humanos completos, racionais, tendo em vista que permaneceriam num estágio primitivo, monstruoso. Imprescindível, portanto, que os pais encontrassem bons pedagogos para essa tarefa, especialmente “um homem de bons costumes e de caráter meigo” (Rotterdam, s/d, p. 26).

Essas são as bases da afirmação de Danelon, Oliveira e Richter (2012, p. 163) de que “a concepção de infância defendida por Erasmo é a de um ser em estado de vir a ser, isto é, a criança possui uma natureza racional que deve ser formada com o auxílio dos agentes educativos, dentre os quais se destacam os pais e o preceptor”. Erasmo compreendia o processo educativo como essencial para que o indivíduo alcançasse à condição de ser humano pleno, racional. Sem a educação, portanto, os indivíduos, desprovidos da razão e dos preceitos morais da civilização ocidental, seriam governados por impulsos primitivos, animais, e “arrastado[s] por ímpetos de ambição, de cupidez, de ira, de inveja, de luxúria e de lascívia” (Rotterdam, s/d, p. 39).

Mergulhado nos preceitos cristãos, Erasmo entendia que a instrução seria imprescindível para que o homem se aproximasse de Deus, constituindo-se à sua imagem e semelhança. Por isso, alertava: “para seres pai autêntico debes dar dedicação plena ao filho por inteiro, sendo que a primazia absoluta desse empenho recai sobre aquela parte que o sobrepõe aos animais e aproxima-o, bem de perto, da semelhança com a divindade” (Rotterdam, s/d, p. 28).

Como se vê, ao contrário do que pensavam os reformadores Lutero e Calvino, Erasmo de Rotterdam compreendia o homem como ser essencialmente inclinado ao bem, sendo essa potencialidade desenvolvida por meio da educação:

[...] tal como cada animal aprende, com facilidade, aquilo que lhe é natural, assim o homem capta, sem grande esforço, os parâmetros da virtude e da honestidade. Com sua força, a natureza deposita nele algumas sementes poderosas de sorte que a função do educador vai ao encontro daquela predisposição (Rotterdam, s/d, p. 50-51).

De modo semelhante, Erasmo, inspirado em suas experiências pessoais ao longo da infância, opunha-se ao uso de castigos físicos na educação das crianças (Nascimento, 2015)<sup>12</sup>. Para ele, lançar mão da violência no processo pedagógico, além de ser

---

<sup>12</sup> Segundo Sidnei Francisco do Nascimento (2015), Erasmo de Rotterdam testemunhou diversas punições violentas nas instituições de ensino que frequentou. O filósofo humanista relatou que em uma dessas

demasiadamente prejudicial ao educando, contradizia o “modelo divino de educar”, no qual deveria estar fundamentado o ensino infantil<sup>13</sup>. Baseando-se na Bíblia, o filósofo acreditava que o preceptor deveria espelhar-se no exemplo de Jesus Cristo, que cordialmente ensinou aos seus seguidores: “que disciplina é aquela emanada do Senhor, com facilidade, descobre quem pondera a mansidão do amor com que Jesus ensinou, suportou incentivou e, progressivamente, foi conduzindo os discípulos pelos patamares do amadurecimento” (Rotterdam, s/d, p. 91). Caso fosse necessário, o educando poderia ser corrigido pelo educador, desde que essa correção fosse “temperada pela mansuetude, nunca pela cólera” (Rotterdam, s/d, p. 97).

Ademais, Erasmo defendia que a educação era fundamental para moldar os indivíduos de forma a atender às necessidades da sociedade. Afirmou, assim, que “ninguém nasce para si mesmo como ninguém nasce para a ociosidade [...]. O filho, tu o geraste não só para ti, mas também para a pátria” (Rotterdam, s/d, p. 41). Para o teórico, a educação, para além da constituição moral dos sujeitos, serviria a fins mais práticos, no sentido de despertar e de fazer desenvolver no homem suas vocações naturais e de ensiná-lo a administrar seus bens materiais. Assim, “tal como a navegação decorre mais tranquila quando o vento e as ondas favorecem, assim, mais facilmente, somos instruídos naquilo para o qual a inclinação do espírito nos conduz” (Rotterdam, s/d, p. 65).

Como se vê, Erasmo, em sua obra *De Pueris*, defendia a educação das crianças como única forma de propiciar-lhes condições para o seu desenvolvimento intelectual. Dessa maneira, os indivíduos conseguiriam escapar da irracionalidade e da barbárie, características próprias dos animais, em direção ao que considerava a essência humana: a racionalidade. Para tanto, o filósofo entendia ser fundamental o estudo das línguas e

---

ocasiões uma criança “com apenas 12 anos de idade fora obrigada por seu preceptor a colocar na boca uma quantidade de excrementos humanos e a engolir uma boa parte”, tendo sido posteriormente “suspensa, nua, por cordas que a amarravam pelos braços, sendo castigada com pancadas de varas até o desfalecimento” (Nascimento, 2015, p. 91).

<sup>13</sup> Sobre esse aspecto “novidoso” da pedagogia dos humanistas, compreende-se que está sendo veiculada uma nova concepção de criança e de infância. Embora, à época, a criança fosse percebida como um homem em miniatura, Erasmo e Lutero superam a visão de educação na infância da escolástica e renascença. Para eles, a educação é um ato de amor. Lutero supera a perspectiva de instrução, ressaltando a importância de a educação da criança incorporar aspectos da ludicidade. O que parece ser um anacronismo pode ser entendido como uma concepção para além do tempo no qual viveram esses humanistas (Jardilino, *op. cit.*).

da Filosofia desde a mais tenra idade; nessa fase da vida, a criança estaria mais apta a ser moldada pelo educador, uma vez desprovida dos vícios. Erasmo de Rotterdam visava, assim, no limiar da Modernidade, forjar um novo homem para uma nova sociedade – educar para a civilidade.

Essas concepções somam-se àquelas presentes em outra obra erasmiana, *De Civilitate Morum Puerilium*, um manual de comportamento que visava auxiliar a construção dessa sociedade moderna, ou seja, a construção da civilização. Segundo o humanista, era fundamental que se instrísse os indivíduos sobre a necessidade de controlar os seus impulsos primitivos, revelados muitas vezes por meio dos olhares, das expressões corporais, das maneiras de se portar à mesa durante as refeições e nos templos religiosos.

Isso porque, segundo Ana Luisa Pisani (2016) e Cézár de Alencar Arnaut de Toledo (2004), Erasmo de Rotterdam compreendia que o ensino das belas letras e da moral deveria ser acompanhado de uma educação comportamental, de modo que o indivíduo refletisse em seu exterior, por meio do controle de seus gestos, o modelo de racionalidade defendido em *De Pueris* e em outras obras erasmianas. Desse modo, compreende-se que, “para Erasmo, o predomínio da razão humana pode ser verificado pela ação dos indivíduos”, à medida que, o comportamento representaria uma espécie de espelho no qual estaria refletido o homem moderno em formação (Toledo, 2015, p. 97).

### **Erasmo e o disciplinamento do corpo [comportamento]**

De modo complementar à defesa da educação em *De Pueris*, em sua obra *De Civilitate Morum Puerilium*, Erasmo de Rotterdam desenvolveu uma espécie de manual de boas maneiras com o propósito de moldar os comportamentos dos indivíduos, de forma que conseguissem conter seus impulsos primitivos e estivessem aptos ao convívio social na Modernidade. O livro constituiu-se, assim, em um elemento importante do que Norbert Elias (1994) denominou “processo civilizador”. Mais uma vez, assim como na obra analisada anteriormente, Erasmo defendia que a educação precisava começar na infância.

Norbert Elias afirma que, na Era Moderna, o conceito de *civilité* começou a ganhar força, num contexto em que a unidade católica e a sociedade feudal

desapareciam, ao mesmo tempo em que uma nova aristocracia se formava, juntamente com a consolidação da burguesia e das monarquias nacionais. Tornava-se necessário ensinar e fazer internalizar a importância do controle do corpo, no que diz respeito aos instintos primitivos do homem, contrapondo-se à animosidade característica da Idade Média. Assim, conforme Elias (1994, p. 69), “o livro de Erasmo trata de um assunto muito simples: o comportamento de pessoas em sociedade - e acima de tudo, embora não exclusivamente, ‘do decoro corporal externo’. Segundo Erasmo,

[...] a arte de instruir a criança consta de diversas etapas. A primeira e a principal consiste em fazer com que o espírito ainda tenro receba as sementes da piedade; a segunda que tome amor pelas belas artes e aprenda bem; a terceira que seja iniciada nos deveres da vida; a quarta, que se habitue, desde cedo, com as regras da civilidade. [...] Muito embora, sejam as corretas atitudes do corpo espontâneas numa índole boa, não raro ocorre constatar que, por falta de disciplina, elas ficam a desejar em certos indivíduos honestos e eruditos. É de todo conveniente que o ser humano seja bem composto nas atitudes, nos gestos e no modo de trajar-se. (Rotterdam, s/d, p. 143-144).

De acordo com Elias (1994, p. 83), o trabalho desenvolvido por Erasmo de Rotterdam situava-se, em parte, na tradição medieval, pela qual “ainda se come carne com a mão, mesmo que Erasmo enfatize que deve ser apanhada com três dedos, e não com a mão toda. É repetido o preceito de não cair como um glutão sobre a comida<sup>14</sup>, bem como a recomendação de lavar as mãos antes de jantar”. No entanto, Elias destaca a existência de algo de novo na obra erasmiana em questão: embora se baseasse no modelo de comportamento cortesão, Erasmo não visava restringir suas considerações a uma classe social em particular, mas, sim, conceber seus ensinamentos como regras universais. Nesse momento de transição da Idade Média para a Modernidade, houve um gradativo aumento da coerção social nos círculos aristocráticos. As pessoas, nesse contexto, são instadas a viver de uma nova maneira em sociedade, tornando-se mais sensíveis às pressões de outrem. “O código de comportamento torna-se mais rigoroso e aumenta o grau de consideração esperado dos demais” (Elias, 1994, p. 91).

---

<sup>14</sup>Em contraposição à **Pantagruel**, o herói do romance de François Rabelais (1532), personagem fortemente inspirado na tradição oral do medievo e nos romances de cavalaria. A narrativa constitui-se de episódios épicos, cômicos, eventualmente delirantes e grotescos, narrados em linguagem simples. Diferentemente, a proposta de Erasmo volta-se para uma educação humanista com fins à civilidade, princípio que marca as primeiras concepções de educação da modernidade.

Assim, no primeiro capítulo de *De Civilitate Morum Puerilium*, Erasmo abordou temas como o olhar, as expressões faciais, o riso, os lábios, os braços, os órgãos genitais, as flatulências, entre outros, com o intuito de ensinar os leitores a disciplinarem seus modos, para aparentarem sempre pacificidade, cordialidade, civilidade. Nesse sentido, endossou a necessidade de tornar transparente a boa índole da criança: “convém que o olhar seja plácido, respeitoso e circunspecto [...]. Importa que os olhos sejam reflexo de um espírito tranquilo com respeitosa afetuosidade” (Rotterdam, s/d, p. 145). No que diz respeito aos lábios, de modo semelhante, Erasmo advertiu que “nada tem de bom gosto morder, com os dentes superiores, o lábio inferior. Isso sugere ameaças” (Rotterdam, s/d, p. 150). Por fim, destacam-se as constatações que o teórico fez acerca do posicionamento dos braços: “cruzar os braços, entrelaçados uns nos outros, equivale à pose de preguiçoso ou de quem lança um desafio. Não é correto estar de pé ou assentado e ter uma mão sobre a outra. Há quem pensa que tal gesto seja elegante ou espelha o estilo belicoso” (Rotterdam, s/d, p. 153).

Posteriormente, na obra, Erasmo de Rotterdam dissertou sobre a importância de se observarem os bons modos à mesa durante os banquetes e refeições. Nesse sentido, o filósofo alertou o leitor para “nunca se assentar sem ter lavado as mãos” (Rotterdam, s/d, p. 165). Mencionou, ainda, a necessidade de colocar as duas mãos sobre a mesa, não sobre o prato, e de não pousar os cotovelos no móvel. Sobre a posição do restante do corpo, Erasmo afirmava ser deselegante que o convidado se balançasse na cadeira, “ora sobre uma nádega, ora sobre a outra”, uma vez que “tal atitude sugere o trejeito de quem está para liberar gases do tubo digestivo ou, pelo menos, se esforça para tanto” (Rotterdam, s/d, p. 166).

Ao mesmo tempo, o teórico alertava sobre a deselegância das pessoas que demonstravam grande “sofreguidão ao comer” e condenava a gula, vício que, para ele, aproximava o ser humano do comportamento animal: “há gente que mal se aproxima da mesa, mete a mão nas travessas. Isso é coisa de lobo ou de quem devora as carnes da panela antes mesmo de serem feitas as libações aos deuses, como diz o provérbio” (Rotterdam, s/d, p. 169). Às crianças, aconselhava servirem-se por último da comida e somente após terem sido convidadas.

Nessa mesma linha de raciocínio, Erasmo advertia sobre a necessidade de se controlar o consumo de bebidas alcoólicas à mesa e afirmava que “princípios a refeição bebendo é hábito dos alcoólatras que bebem, não por sede e, sim, por impulso” (Rotterdam, s/d, p. 168). Ademais, num contexto em que, segundo Elias, compartilhar taças e talheres era algo usual, Erasmo orientava seu leitor a limpar a boca com o guardanapo antes de beber, “principalmente se um dos convivas te apresenta o próprio copo ou se todos bebem da mesma taça” (Rotterdam, s/d, p. 168). Ao mesmo tempo, instruía para que o convidado fosse comedido ao servir-se das refeições: “tendo separado uma parte pequena para ti, devolve o restante a quem te apresentou o prato. [...] O que não pode ser segurado com os dedos, seja posto no prato” (Rotterdam, s/d, p. 170).

Outros pontos importantes abordados em *De Civilitate Morum Puerilium* são as orientações de Erasmo quanto ao comportamento dos indivíduos dentro das igrejas. Essa preocupação reflete, assim, a aproximação do humanista com as tradições católicas, apesar das críticas realizadas contra a Igreja. Aconselhava, nesse sentido, que se fizessem sempre reverências ao passar por lugares sagrados e se mantivesse comedido durante as celebrações religiosas: “quando está sendo celebrada a Eucaristia, manifesta recolhimento em toda a sua postura. Pensa então que Cristo está ali presente. Ele e incontáveis legiões de anjos” (Rotterdam, s/d, p. 161). Do mesmo modo, recomendava que se prestasse atenção às palavras ditas pelo pregador nas missas, uma vez que “não é a um simples homem que escutas e, sim, ao próprio Deus que te fala pela boca de um homem” (Rotterdam, s/d, p. 162). Por fim, Erasmo, considerando o importante papel da religião para a formação humana, afirmou: “é inútil ir a uma igreja, se dali não saíres melhor e mais puro” (Rotterdam, s/d, p. 163).

Observa-se, portanto, a preocupação de Erasmo em moldar as crianças, a fim de que aprendessem a controlar seus comportamentos e se tornassem aptas ao convívio em sociedade. O filósofo compreendia, assim, a necessidade de os indivíduos aprenderem a controlar seus impulsos primitivos, sempre com o intuito de demonstrarem mais cordialidade e pudor para com os demais. Segundo Elias (1994), embora os hábitos da aristocracia europeia, no início da Era Moderna, ainda não se distinguissem radicalmente dos costumes medievais, gradativamente as novas condutas sociais

indicadas em *De Civilitate Morum Puerilium* foram sendo internalizadas. Desse modo, é possível perceber a importância dessa obra para a cultura ocidental moderna, uma vez que Erasmo, embora se baseasse na cultura aristocrática, visava à construção do homem universal a partir desses preceitos civilizadores.

### Considerações finais

É possível compreender que as obras educativas de Erasmo de Rotterdam visavam forjar um novo ser humano apto a viver na Modernidade. Esses projetos pedagógicos, fundamentados na perspectiva humanista, entendiam o homem como um ser autônomo, essencialmente virtuoso, destinado a cultivar a própria liberdade. Nesse sentido, detentor do livre-arbítrio, o indivíduo caminharia rumo à civilidade, à razão, deixando para trás a barbárie e tornando-se intelectualmente autônomo.

No entanto, para que os indivíduos conseguissem desenvolver suas virtudes, era imprescindível que fossem bem educados desde a infância, segundo os preceitos da razão, por preceptores preparados. Para Erasmo, o homem educado tornar-se-ia civilizado, refletindo a imagem de Deus. No sentido contrário, aqueles que não se preocupassem com a educação dos próprios filhos não permitiriam que eles desenvolvessem sua plena humanidade, relegando-os à condição de irracionais, ao modo dos animais.

Como outros pensadores de seu tempo - e de épocas anteriores -, Erasmo ressaltava a importância de as pessoas serem moldadas a fim de controlar seus impulsos naturais mais primitivos e de agir de acordo com um comportamento contido e polido, que seria a marca da civilidade moderna. As condutas apresentadas e explicitadas em *De Civilitate Morum Puerilium*, aos poucos tornaram-se hábitos; num primeiro momento, apenas entre as classes dominantes, posteriormente, entre outros estratos sociais.

Este breve estudo indica que o projeto educacional de Erasmo de Rotterdam almejava forjar o ser humano moderno, livre dos vícios medievais, fundamentando-se, também, nas concepções greco-romanas clássicas. Influenciado pelas transformações sociais, culturais, políticas e econômicas de seu tempo, o pensador ansiava pela

formação do homem civilizado, moderno, universal, apto a viver na nova humanidade que se edificava.

### Referências

- Boto, C. (2007). Civilizar a infância na Renascença: estratégia de distinção de classe. *Cadernos da Pedagogia*, v. 1, p. 13-41, jan/jul. Recuperado em 5 de agosto de 2019 de <http://www.cadernosdapedagogia.ufscar.br/index.php/cp/article/view/5/5>.
- Braudel, F. (1996). *Civilização Material, economia e capitalismo: séculos XV-XVIII*. São Paulo: Martins Fontes.
- Cunha, S. (2014). Erasmo, Lutero e o livre-arbítrio. In. *DISCERNINDO - Revista Teológica Discente da Metodista* 53 v.2, n.2, p. 53-66.
- Danelon, M, Oliveira, M. A. G & Richter, S. (2012) Infância a educação em De Pueris de Erasmo de Rotterdam. *Olhar de Professor*, 15 (1), p. 157-165. Recuperado em 5 de agosto de 2019 de <http://www.uepg.br/olhardeprofesso>.
- Delumeau, J. (1994). *A civilização do Renascimento*. (M. Ruas, Trad.). Lisboa: Editorial Estampa.
- Delumeau, J. (1989). *Nascimento e afirmação da Reforma*. (J. P. Mendes, Trad.). São Paulo: Pioneira.
- Elias, N. (1994). *O processo civilizador*. (R. Jungman, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Febvre, L. (2012). *Martinho Lutero, Um Destino*. (D. de Bruchard, Trad.). São Paulo: Três Estrelas.
- Franco Júnior, H. (2001). *A Idade Média: nascimento do ocidente*. São Paulo: Brasiliense.
- Jardilino, J.R.L. (2009). *Lutero e a Educação*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Jardilino, J.R.L. (2011). Concepções da filosofia educativa de João Calvino. In. *Revista Nures* n. 17, jan./abr. Recuperado em 15 de agosto de 2020 de <http://www.pucsp.br/revistanures>.
- Le Goff, J. (2005). *A civilização do ocidente medieval*. (J.M. de Macedo, Trad.). Bauru: Edusc.
- Nascimento, S. F. (2007). Erasmo de Rotterdam e a educação humanista cristã. *Revista de Filosofia Aurora*, v. 19, n. 24, p. 47-60. Recuperado em 3 de agosto de 2019 de <https://www.researchgate.net/publication/325163212>
- Nascimento, S. F. (2015). Filosofia da Educação no contexto de Erasmo de Rotterdam e Rousseau. *Cadernos de Pesquisa*, v. 22, n. Especial, p. 88-96. Recuperado em 15 de fevereiro de 2021 em <http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/2978/2299>.

- Pinto, F. M. (2009). O De Ratione Studii (ou Plano de estudos) de Erasmo de Rotterdam. *Letras Clássicas*, n. 13, p. 29-47. Recuperado em 15 de fevereiro de 2021 de <https://www.revistas.usp.br/letrasclassicas/article/view/73921>.
- Pisani, A. L. (2016). *Os olhos ubíquos do espelho: um estudo das percepções de civilidade na obra "A Civilidade Pueril" (1530), de Erasmo de Rotterdam*. Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil. Recuperado em 15 de fevereiro de 2021 de <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/18934>.
- Rabelais, F. (2009). *Gargântua e Pantagruel*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia. (Obra original publicada em 1532).
- Rodrigues, D. L. & Marroni, P. C. T. (2012). A civilidade como pedagogia do comportamento. *IX ANPED Sul*. Recuperado em 5 de agosto de 2019 de <http://www.uces.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/3068/46>.
- Rotterdam, E. *De Pueris (Dos Meninos) – De Civilitate Morum Puerilium (A Civilidade Pueril)*. Rio de Janeiro, Ed. Escala s/d. (Obras originais publicadas respectivamente em 1529 e 1530).
- Toledo, C.A.A. (2004). Erasmo, o humanismo e a Educação. *Revista Linhas*, v.5, n. 1. Recuperado em 15 de fevereiro de 2021 de <https://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1236>.
- Toledo, C. A. A. (2004). Sobre o Enchiridion Militis Christiani, de Erasmo de Roterdão. *Acta Scientiarum*. Human and Social Sciences, v. 26, n. 1, p. 95-101. Recuperado em 15 de fevereiro de 2021 de <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/view/1563>.

Recebido: 06/11/2020

Aceito: 17/02/2021

Publicado: 21/06/2022

#### NOTA:

Os autores foram responsáveis pela concepção do artigo, pela análise e interpretação dos dados, pela redação e revisão crítica do conteúdo do manuscrito e, ainda, pela aprovação da versão final publicada.